

## Sobre a primeira tradução do *Breve Tratado de Espinosa...*

André Menezes Rocha<sup>1</sup>

As translucidas mãos do judeu  
Lavoram na penumbra os cristais  
E a tarde que morre é medo e frio.  
(...)

Trabalha em um árduo cristal: o infinito.  
Mapa de todas as estrelas.

**Espinosa.**

Poema de *Jorge Luís Borges*.

Borges gostava de nos lançar no universo dos livros mágicos. Como um bom bibliotecário, nos conduzia por estantes infindas como quem tem em mãos os fios que atravessam entradas e saídas de um imenso labirinto. Lembro-me de um destes livros, o infinito. O livro infinito é aquele cuja leitura jamais se esgota, que sempre exprime um novo sentido desde que o leitor abra suas páginas. Este *Breve Tratado de Espinosa*, inédito em língua portuguesa, consiste no mais novo exemplar destes livros com que os leitores de Borges tanto se encantam. Um livro infinito sobre o amor infinito, em síntese, eis do que se trata.

Este *Breve Tratado de Espinosa* é uma obra juvenil, escrita bem antes da *Ética* e, para alguns intérpretes, antes mesmo do *Tratado da Emenda do Intelecto*. Talvez por isso seja a melhor maneira de introduzir-se no pensar com os conceitos de Espinosa. Inicia-se com a intuição da essência absolutamente infinita de Deus e, após passar pelo conhecimento da essência das paixões e ações dos homens, trata dos bons desejos que

---

<sup>1</sup> Doutor em filosofia pela FFLCH/USP. Leciona da Facamp/Campinas. Atualmente, realiza seu pós-doutorado sobre Espinosa na FFLCH/USP.

nascerem do uso da razão, do amor intelectual que é imanente à intuição e culmina com a demonstração do que é eterno na essência humana.

Mas todas estas demonstrações só fazem sentido, no texto de Espinosa, se não se distingue a inteligência do afeto. Uma leitura tecnocrata dos textos filosóficos e, em especial, do texto de Espinosa, não passaria de um mísero avatar daquela velha vã filosofia de que falava Shakespeare. Como o olho da medusa, o entendimento do tecnocrata petrifica o sentido dos textos. Borges é quem nos diz o que perdeu o aprendiz impaciente do conto *A Rosa de Paracelso*.

A curiosidade, o prazer da leitura e o amor da inteligência são os guias mais seguros para os leitores e leitoras que desejam iniciar-se na leitura dos clássicos e na reflexão filosófica. E no caminho da leitura surgirão muitas questões que em vez de barreiras constituir-se-ão como trampolins a elevação da reflexão. Gostaria aqui de apresentar algumas questões que me ajudaram a prosseguir na leitura do *Breve Tratado*.

### **Literatura e arte na composição do *Breve Tratado*.**

Os dois diálogos da primeira parte do *Breve Tratado* tratam de temas candentes da ontologia de Espinosa, mas também caros à tradição neoplatônica do Renascimento, seja na vertente de Marsilio Ficino que procurava desvendar o amor intelectual e obter a eternidade pela criação de mágicas obras de arte, seja na vertente de Leão Hebreu que procurava desvendar o amor intelectual e obter a eternidade pela sabedoria ética na conduta cotidiana e nas ações da vida.

A questão da diferença entre amor concupiscente e amor intelectual, que é o mote da *erotiké* no primeiro diálogo, tinha sido intensamente tratada pelos artistas e pensadores do Renascimento. A partir de Panofsky, podemos acompanhar como a questão da diferença entre *amor divinus* e *amor profanus* foi tratada sob a forma artística, por exemplo, nas telas de Botticelli e nos diálogos do próprio Marsilio Ficino.

Como sabemos, o jovem Espinosa viveu em Amsterdã na casa-escola do tutor Francisco van den Ende, um franciscano que, como Petrarca, abraçou o *humanismo*. Ele ensinava literatura latina e filosofia através de leituras coletivas encenadas que muitas vezes se transformavam em peças teatrais. Espinosa, que obteve uma bolsa de estudos como ajudante do mestre-escola, interpretou no Teatro Municipal de Amsterdã peças de Terêncio, o dramaturgo comediante que participou do círculo estoico de Cipião com o

historiador Políbio no século II a.C em Roma. Na Escola de Van den Ende, Espinosa conheceu seus melhores amigos, entre os quais o próprio Jarig Jelles, a quem dedicou a versão holandesa do *Breve Tratado*.

Seria demais imaginar que Espinosa tenha elaborado os diálogos a partir da experiência artística com o círculo de amigos na trupe de teatro de Amsterdã? No segundo diálogo, por exemplo, Erasmo e Teófilo encetam animada conversa sobre a diferença entre a causalidade eficiente imanente através das relações internas entre todas as partes e causa-efeitos. Conversações agradáveis podem se tornar profundas tanto na vida cotidiana como nas ações dramáticas. Os dois diálogos da primeira parte são redigidos com engenho retórico e arte dialética para significar que os conceitos filosóficos do *Breve Tratado* não precisam ser pensados no solipsismo, à maneira cartesiana, mas podem ser pensados em agradáveis conversas em que todos nutrem amizade pela inteligência e gosto pelas artes?

### **Razão e Intuição.**

Espinosa escreve, na segunda parte do *Breve Tratado* [II, 4], que a razão é a crença verdadeira, pois é o modo de conhecimento que nos leva a ver claramente o que convém que as coisas sejam fora de nós, porém não o que são verdadeiramente. E, no entanto, o conhecimento racional desperta os *bons desejos* que nos conduzem à intuição e ao verdadeiro amor. Podemos dizer que o *Breve Tratado* foi escrito antes da descoberta das noções comuns como conhecimento racional das propriedades comuns necessárias dos modos infinitos e finitos?

Ora, após distinguir a *Natureza Naturante* da *Natureza Naturada* [I,8], Espinosa deduz os modos infinitos, quais sejam, o *movimento-repouso* na matéria e o *intelecto infinito* na coisa pensante [II,9]. Se os modos infinitos são os fundamentos das propriedades comuns na *Ética*, isto é, se são o *todo* de que os modos finitos são *as partes*, não é preciso convir que são demonstrados por sua gênese no *Breve Tratado*? Em que sentido se pode dizer que não há teoria das noções comuns do *Breve Tratado*?

Sabemos, pela *nota complementar 5* redigida por Marilena Chauí em *A Nervura do Real*, que há diferenças entre a concepção de intuição no *Breve Tratado* e a concepção de ciência intuitiva na *Ética*. Afinal, que significa a afirmação, no *Breve Tratado*, de que o conhecimento intuitivo e o amor intelectual de Deus são paixões do

intelecto humano? Nesta obra juvenil, Espinosa pensava o amor intelectual como uma revelação religiosa, ou seja, como a palavra silenciosa que a inteligência de Deus pronuncia sob a forma de intuições no intelecto humano? Quais as diferenças entre a concepção do amor intelectual no *Breve Tratado* e a concepção do amor intelectual na *Ética*?

### **A demonstração de que o diabo não existe.**

Em várias cartas, Espinosa conversa com amigos sobre o tema da superstição, da crença em fantasmas, espectros e, pior que tudo, da crença no capiroto, coisa ruim ou tranqueira que, como diz Guimarães Rosa, para o prascóvio encontra-se no olho esgueirado de bezerro doente, gato preto, sombração ou redemoinho no meio da rua. Nas cartas trocadas com o amigo Boxel, podemos perceber como Espinosa achava graça nestes assuntos. E talvez o espírito de graça destas cartas encontre-se neste *Breve Tratado* com a demonstração matemática da impossibilidade da existência do diabo.

A demonstração segue como consequência da prova ontológica da existência de Deus, desde que esta existência seja pensada a partir da essência como realização da onipotência. Vale lembrar que esta demonstração para nós é engraçada, mas para o contexto das guerras de religião era grave.

Espinosa demonstra, por  $A + B$ , como quem demonstra que  $2+2=4$ , que o diabo é uma impossibilidade ontológica: dado que a essência de Deus é absolutamente infinita e que é idêntica à sua potência, um diabo, um gênio maligno ou outro ser maldado qualquer que tivesse poder para contrariar a essência de Deus só pode ser uma ficção literária ou lógica. O que contraria a onipotência de Deus pode até existir, como existem peixes que nadam contra a corrente do rio, mas não pode influenciar em nada a potência absolutamente infinita de Deus, assim como um peixe não pode mudar o curso do rio ainda que nade contra a corrente. O diabo não pode existir na realidade, não pode ser *um ente real*, só pode existir como ficção, só pode ser *um ente de razão* ou *ente de imaginação*.

E como Ferreira Gullar que diz saber como 2 e 2 são 4 que a vida vale a pena, Espinosa demonstra, como 2 e 2 são 4, que o amor intelectual de Deus é o sumo da vida humana e que por ele se encontra tanto a virtude para agir nesta vida como a eternidade de que podemos participar desde que experimentemos um verdadeiro amor.

### Ode à leitura.

Esta novíssima edição do *Breve Tratado* de Espinosa tem muitos méritos e o menor deles talvez seja o fato de ser a primeira tradução em português. Os méritos encontram-se mais no uso da língua portuguesa que os tradutores e a revisora fizeram para apresentar este inédito de Espinosa. A tradução de Luís César Oliva e Emanuel Rocha Fragoso é clara e elegante, o que torna o texto muito agradável para os leitores da língua portuguesa. A revisão técnica de Ericka Itokazu, como sabemos todos os que acompanhamos o processo, lapidou o texto com muito carinho, cuidado e generosidade, para assegurar a precisão dos conceitos e dos argumentos que constituem a arquitetura do *Breve Tratado*; deu polimento, como no ofício de fazer lentes, para que permitissem ver a luz com a máxima nitidez.

Certa vez uma amiga me disse, diante do Memorial da América Latina, que as curvas do desenho concreto de Niemeyer impressionavam sua imaginação de tal maneira que ela se punha a pensar, com Einstein e Espinosa, se aquela arte arquitetônica não exprimiria à sua maneira as curvas concretas de um universo infinito e densamente invisível que se reflete na luz das estrelas. Este *Breve Tratado*, brilhante qual um cristal e denso como um diamante, ergue-se no tempo como o memorial de Niemeyer ergue-se no espaço. Um livro mágico como aqueles que encantavam Borges, mágico como um mapa não de espaços, mas de tempos que se escandem de uma fonte eterna. Que as frases deste exemplar de livro infinito, semelhantes a curvas geométricas, façam o seu glorioso mister e conduzam leitores e leitoras às veredas concretas do infinito.